

# ENVELHECIMENTO ATIVO E EDUCAÇÃO

*Coordenação*  
**Aurízia Anica**  
**António Fragoso**  
**Carlos Ribeiro**  
**Carolina de Sousa**



Universidade do Algarve

## **Ficha Técnica**

Título: Envelhecimento Ativo e Educação

Coordenação: Aurízia Anica, António Fragoso, Carlos Ribeiro, Carolina de Sousa

Imagem da Capa: António Sánchez-Barriga

Edição: Universidade do Algarve

Data de Edição: dezembro 2014

ISBN: 978-989-8472-35-9

Suporte: e-book

Apoio à Edição: Dália Gregório

## Os Idosos no Quotidiano da Família Nuclear: Tensões e Contradições nos Espaços e Tempos das Relações Intergeracionais

Rosalina Pisco Costa<sup>1</sup>

### Os Rituais como Porta de Entrada no Quotidiano da Família

Num texto elaborado por um grupo de crianças de Genebra, com aproximadamente oito anos de idade (*Humanidades*, 2001, p. 50), pode ler-se a seguinte descrição das avós:

Uma avó é uma mulher que não tem filhos; por isso gosta dos filhos dos outros. As avós não têm nada que fazer, é só estarem ali.

Quando nos levam a passear, andam devagar e não pisam as folhas bonitas nem as lagartas. Nunca dizem despacha-te! Normalmente são gordas, mas mesmo assim conseguem atar-nos os sapatos. Sabem sempre que a gente quer mais uma fatia de bolo, ou uma fatia maior. Uma avó de verdade nunca bate numa criança; zanga-se, mas a rir. As avós usam óculos e às vezes até conseguem tirar os dentes. Quando nos lêem histórias nunca saltam bocados e não se importam de contar a mesma história várias vezes.

As avós são as únicas pessoas grandes que têm sempre tempo. Não são tão fracas como elas dizem, apesar de morrerem mais vezes do que nós. Toda a gente deve fazer o possível por ter uma avó, sobretudo se não tiver televisão.

Esta síntese infantil e, até certo ponto, humorística encobre todavia uma realidade socialmente diversificada: as avós – como os avôs – estão a mudar e as representações sociais que as(os) rodeiam também. Efectivamente, o prolongamento da esperança de vida aliado a uma melhoria generalizada da qualidade de vida de que a terceira idade beneficia trouxeram os idosos e os temas do envelhecimento para o centro da agenda mediática, política e também científica. Qual é o lugar destes simultaneamente velhos e novos protagonistas no quotidiano da família nuclear? Que tensões e contradições emergem nos espaços e tempos das relações intergeracionais? Eis algumas das questões que guiam este texto<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Universidade de Évora e CEPSE. E-mail: [rosalina@uevora.pt](mailto:rosalina@uevora.pt)

<sup>2</sup> Este texto adapta e sintetiza resultados de uma tese de doutoramento em Ciências Sociais, Especialidade ‘Sociologia Geral’, intitulada *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea* (Costa, 2011), realizada pela autora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com orientação científica de Ana Nunes de Almeida (ICS-UL) e apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/38679/2007).

Os resultados e reflexões aqui apresentados surgem na sequência de um estudo mais abrangente que procurou questionar e discutir o alcance das teorias da desinstitucionalização, individualização e risco, hegemónicas na teorização social contemporânea (Brannen e Nielsen, 2005) enquanto chave explicativa para a compreensão do que é, hoje, a família (Costa, 2011). Nesse estudo questionámo-nos, em concreto, sobre o que constrói uma família mais do que aquilo que a torna “efémera”, “fluida” e “frágil”. Na esteira de Morgan (1996, 1999) propusemo-nos olhar e conceptualizar as famílias não por aquilo “que são” ou “para que servem”, mas “pelo que fazem”. Das várias portas de entrada possíveis escolhemos as “práticas familiares” e, especificamente, o conjunto das que se enquadram numa categoria maior a que chamamos rituais familiares. Especificamente, intentámos nesse estudo retratar e compreender, por dentro e na sua diversidade, o lugar dos rituais familiares na construção da família contemporânea. Por conseguinte, procurámos responder, de modos e em tempos distintos, às seguintes sub-questões de partida: quais são e como se caracterizam os rituais familiares da família contemporânea?; que relações estabelecem e como se articulam com estruturas e dinâmicas familiares, contextos sociais de pertença e dinâmicas de género que atravessam a família?; finalmente, que lugar ocupam na construção da família contemporânea? Procurámos, em suma, compreender os modos através dos quais os rituais familiares contribuem para “construir”, “fazer” ou “fabricar” a família.

Os rituais familiares podem ser definidos como práticas prescritas que resultam da interacção familiar, direccionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico (Bossard e Boll, 1950; Fiese et al., 2002; Imber-Black e Roberts, 1993; Wolin e Bennett, 1984). Partilhamos da classificação destes últimos que distingue entre celebrações, tradições familiares e interacções padronizadas (Wolin e Bennett, 1984), e estabelecemos dois pares de dimensões de pesquisa principais (representações e práticas, acção e emoção), que agrupamos na busca por protagonistas, espaços, tempos, sensações, símbolos e significados. Finalmente, olhamos a estrutura e dinâmica familiar (famílias bi-parentais e monoparentais, dinâmicas conjugais e parentais), contextos sociais de pertença (posição sócio-profissional e rede social), e ainda dinâmicas de género, situadas que estão num tempo social determinado. O nosso objectivo último foi o de compreender o modo como os rituais familiares ajudam à construção da família contemporânea, já que sociólogos e antropólogos sugerem que os rituais constituem uma forma de as famílias delimitarem as suas fronteiras, estruturarem a definição e atribuição de papéis, e criarem e reafirmarem uma representação e sentido sobre elas próprias e a sua existência. Em suma, constroem-nas *para dentro*, isto é, para os seus membros e na perspectiva dos seus actores; mas também *para fora*, ou face ao exterior, no espaço social que as coloca em co-existência com outras famílias. Implicitamente, avançamos na investigação com a hipótese geral de que os rituais familiares constituem lugares de construção da família contemporânea (*para dentro* e *para fora*) e que, acompanhando o processo de modernização da família, são hoje tendencialmente privados, individualizados e sentimentais, ao mesmo tempo que fortemente matizados por estruturas e dinâmicas familiares, contextos sociais de pertença e dinâmicas de género.

### **Nota Metodológica**

Privilegiámos neste estudo uma abordagem qualitativa, intensiva e em profundidade. Metodologicamente, procurámos captar experiências e significados associados a práticas e representações pluridimensionais dos rituais familiares enquanto



processos interactivos e significantes simultaneamente localizados na cultura, história e biografia pessoal. Para a recolha de dados seguiu-se um processo de amostragem teórica (Glaser e Strauss, 1967) por caso múltiplo e homogeneização (Pires, 1997). Diversificada em função da conjugalidade, parentalidade e género, optámos por homogeneizar os meios sociais de pertença (definidos a partir do capital escolar e profissional dos seus membros) e a origem geográfica dos entrevistados (cidade de média dimensão: Évora<sup>3</sup>/Portugal). Em concreto, e porque procurávamos uma aproximação à família “contemporânea”, o nosso enfoque recaiu sobre indivíduos de classe média, seleccionados empiricamente a partir do nível de instrução mínimo que contempla a conclusão do ensino secundário e profissões centradas nos primeiros grupos da Classificação Nacional das Profissões<sup>4</sup>. Através de recrutamento intencional/conveniência e em bola-de-neve, foram seleccionados para entrevista 30 homens e mulheres a viver em contextos familiares diversificados e numa fase particular do curso de vida familiar, a de famílias com filhos pequenos (3-14 anos de idade).

O recurso a uma entrevista qualitativa foi a forma que encontrámos para captar a perspectiva interior sobre o indivíduo enquanto membro de uma família que pretendíamos. Especificamente, a solução encontrada passou por privilegiar a aproximação à entrevista de episódio (Flick, 1997; 2005 [2002]). Este tipo de entrevista parte do pressuposto que as experiências dos indivíduos são armazenadas e recordadas na forma de conhecimento semântico (conceitos e inter-relações entre conceitos) e de narração de episódios (experiências, situações e circunstâncias concretas). Porque o elemento central na entrevista de episódio é o convite periódico a que o/a entrevistado/a faça narrativas de situações concretas recorremos a uma epígrafe introdutória<sup>5</sup> a fim de instigar à identificação, caracterização e enunciação dos significados associados aos diversos rituais familiares. Neste percurso utilizamos uma bateria de questões comum estruturada nas seguintes dimensões: protagonistas; espaço; tempo; sensações; símbolos; e significado, a partir de uma leitura dupla: sincrónica (“como se caracterizam?”) e diacrónica (“foi sempre assim? O que mudou ao longo do tempo? Porquê?”).

Foi justamente quando convidámos o/a entrevistado/a à descrição detalhada do seu dia-a-dia que recolhemos os principais dados que servem de base a este texto. Na análise dessas narrativas ganha visibilidade imediata a presença quotidiana de pais e/ou sogros (idosos) dos/as entrevistados/as. É parte dessa análise que apresentamos em seguida. Os dados recolhidos foram analisados com recurso a técnicas de análise qualitativa de conteúdo. Para o efeito seguimos fundamentalmente as orientações metodológicas propostas por Laurence Bardin (1977). Na apresentação de resultados optámos pela reconstrução textual de narrativas contextualizadas (Flick, 2005 [2002]), que trabalhamos com recurso a *software* qualitativo (NVivo, QSR). Particularmente adaptada à entrevista de episódio, a narrativa contextualizada aproxima os dados das

<sup>3</sup> Évora é uma cidade portuguesa, capital do Distrito de Évora, e situada na região Alentejo (NUT II) e sub-região do Alentejo Central (NUT III). É sede de um dos maiores municípios de Portugal, com 1307,04 km<sup>2</sup> de área e tem aproximadamente 55.000 habitantes. Cidade de média dimensão, de historial rural relativamente recente, conheceu nos últimos 20 anos um processo de urbanização e terciarização crescente. O reforço da dinâmica de crescimento torna esta cidade particularmente atractiva no cenário de declínio e despovoamento das áreas rurais que caracteriza a região Alentejo (CME, 2006).

<sup>4</sup> Em particular, foram entrevistados indivíduos cujas profissões estão incluídas no Grupo 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; Grupo 3 – Técnicos e profissionais de nível intermédio; Grupo 4 – Pessoal administrativo e similares e Grupo 5 – Pessoal dos serviços de protecção e segurança (IEFP, 2001).

<sup>5</sup> “Há dias a que chamamos ‘dias normais’ ou ‘comuns’. É o dia-a-dia...”, “Há outros dias que não são ‘normais’ ou ‘comuns’. São de alguma forma ‘diferentes’...”, “Há dias/ocasiões ou momentos a que chamamos ‘dias de família’, ‘ocasiões de família’...”.

experiências e do contexto que os gera e procura daí retirar o sentido interpretativo mais amplo. Para o leitor resulta a apresentação da informação de uma forma fluida, onde a interpretação surge mesclada com citações *verbatim* incluídas no corpo do texto e que evidenciam ora tendências centrais na análise, ora diversidade e excepção à norma<sup>6</sup>.

### Tensões e Contradições nos Espaços e Tempos das Relações Intergeracionais

Os dados recolhidos sublinham a importância do envelhecimento positivo na percepção que os jovens adultos (média de idades de 38 anos) têm sobre a qualidade de vida da sua família como um todo: pais e filhos, avós e netos, adultos e crianças. Da conjugação entre pais e sogros, em casal ou já viúvos, que se reformaram aos 65 anos, alguns ex-funcionários públicos que beneficiaram de reformas relativamente cedo (antes dos 60 anos), e mães e sogras que sempre foram “*domésticas*”, resulta que a generalidade dos entrevistados pode contar com pelo menos um pai/mãe/sogro/sogra “*disponível*” para os ajudar. Nalguns casos, essa ajuda vem mesmo “*dos dois lados*”, de modo “*alternado*”, para não sobrecarregar quer “*um lado*”, quer “*o outro*”. Esta “*ajuda*” materializa-se, desde logo, na guarda de crianças. Na justificação apresentada pela opção de deixar os filhos com os avós (quase sempre as avós), conciliam-se argumentos favoráveis para todos os envolvidos.

Por um lado, a presença dos avós é apontada como “*fundamental*” para o equilíbrio em que está alicerçado o quotidiano da família nuclear, tornando-o mais “*flexível*”, “*seguro*” e “*menos angustiante*”. No domínio das relações informais, a nossa amostra patenteia de modo evidente o papel dos avós como elo importante para as famílias com filhos pequenos, referidos que são muitas vezes como um ponto de passagem “*obrigatório*”, quer de manhã, quer à hora de almoço, ou ao final do dia e início de noite. Todos os pais que entrevistámos e em que pelo menos um dos seus pais/sogros vive em Évora mantêm com eles contacto variável mas regular que vai do diário ao semanal. As razões são sempre as mesmas. Une-os as crianças (filhos de uns, netos de outros) e formas de apoio que consubstanciam uma solidariedade familiar descendente e nunca ascendente, em concreto, no sentido avós/ netos e pais-idosos/ filhos-adultos (Vasconcelos, 2002; 2005). A justificação para esse facto tem que ver com a juventude da nossa amostra e consequentemente a relativa juventude dos seus pais. Com uma média de 38 anos de idade, os entrevistados contam com a presença e ajuda de pais “*jovens*” e “*plenamente activos*”, que gozam de uma saúde relativa, estabilidade financeira e disponibilidade de tempo. A este “*envelhecimento activo*” de pais e sogros (Fernandes e Botelho, 2007; Gil, 2007), acrescem, no plano prático, algumas competências “*úteis*” como a posse de carta de condução e o “*prazer de estar com*” os netos, o que lhes permite dar uma ajuda importante aos filhos em termos “*logísticos*”. Vejamos, a propósito, excertos da entrevista de Eduardo [e05], 37 anos, casado com uma professora que trabalha a cerca de trinta quilómetros da residência e pai de duas crianças, uma rapariga de 10 e um rapaz de sete anos de idade<sup>7</sup>:

Ela [a filha] na escola só tem a tarde de quarta-feira livre então, no dia que tem livre, tinha *ballet*! No sábado de manhã é o dia

---

<sup>6</sup> Sempre que foi considerado relevante, as narrativas dos entrevistados foram complementadas com dados circunstanciais que ajudam à contextualização. Uma vez que a informação considerada pertinente é muito diversa, seleccionam-se as variáveis que se afiguram mais contíguas e discriminantes relativamente às áreas temáticas em análise.

<sup>7</sup> Os nomes dos entrevistados, bem como os dos seus filhos são pseudónimos atribuídos pelos próprios/pela investigadora. Os dados cronológicos reportam-se a 2009.

para estudar, para fazer os trabalhos de casa... Sábado de manhã ia para o *ballet*. Então nós, em termos de opção semanal, a acabar alguma coisa em termos práticos era melhor ser o *ballet*. Digamos que não era o que ela menos gostava. Ela gostava muito do *ballet* e já lá andava há muitos anos mas... [...] Ou a música... a música é uma hora por semana... não é essa hora por semana que lhe iria perder muito. Por isso, a partir do mês passado ela deixou de ir ao *ballet*. Para os pais foi muito melhor porque o *ballet* era a horas ingratas. Por exemplo, à tarde, quarta à tarde era das três e meia às seis e meia... quem é que às três e meia pode ir levar um filho a um *ballet*? Só os avós! Eram os avós! Iam os avós levar e depois ia eu buscar.

A guarda de crianças durante o dia, as tarefas do ir levar e/ou buscar à escola, e, finalmente, assegurar a guarda temporária dos netos para de novo os levar às actividades extra-curriculares em que estão envolvidos (e.g. *ballet*, ténis, piscina) é apenas uma das faces da ajuda plurifacetada que avós prestam aos filhos e, conseqüentemente, a netos. Ao final da tarde, o momento de “*passar pela casa dos pais*” ou sogros abre também espaço a outras formas de solidariedade familiar expressas em “*pequenas ajudas*”. As avós, sobretudo elas, são o espelho da “feminização” e “matrilateralização” das ajudas familiares (Vasconcelos, 2002 e 2005; Torres *et al.*, 2004) e desempenham nesta amostra um papel importante em termos de serviços domésticos, desde logo na ajuda à preparação de refeições. No momento de recolher as crianças ao final do dia, filhos e filhas encontram, não raro, “*uma ajuda para o jantar*”. Ou são os pais que “*insistem*” para que os filhos jantem em sua casa ou, mais frequente, que levem para suas casas “*o jantar já adiantado*”, comida “*caseira*” preparada antecipadamente pelas mães e sogras. A “*sopa para as crianças*” parece ser a alimentação mais cedida, de tal forma que, nesses casos, aos pais resta depois fazer apenas “*um segundo prato*”. O excerto que se segue é particularmente ilustrativo a este propósito. Pedro [e23] é um professor de 35 anos de idade, casado e pai de dois rapazes, o David de sete e o Tomás de quatro anos. Quando os filhos de Pedro eram mais pequenos, contava sempre com a ajuda da mãe e sogra na “*gestão das sopas*”:

As avós confeccionavam as sopas e depois nós tratávamos do segundo. Porque pronto... havia aquelas regras do peixe, da carne, entre aspas, impostas pelo pediatra do ‘agora vamos introduzir isto’, ‘depois aquilo’ e... como a disponibilidade em termos de avós era maior... Quando o David nasceu a avó que estava livre é que confeccionava as sopas e coincidiu já estar o David no colégio quando o Tomás nasceu e acabou por funcionar bem. Uma avó tinha o Tomás, a outra ia buscar o David e confeccionava a sopa, pronto... foi essa gestão que surgiu.[...] isso agora ainda às vezes funciona, a minha mãe ou a minha sogra faz uma sopa ou assim. A minha mãe não com tanta frequência. A minha sogra... cozinha mais em quantidade então muitas vezes cozinha para que levemos para casa. A minha mãe tem mais a preocupação de variar e a quantidade não é tanta, salvo quando é preciso. A minha sogra sempre teve a tendência para fazer mais em termos de quantidade. E então resulta que às vezes trazemos mais por esse motivo. E questões temporais... falta de tempo por

este motivo, aquele ou o outro.

Adicionalmente, os avós são também uma âncora importante ao permitir mais tempo disponível para os seus filhos adultos, seja para trabalhar/estudar, ou mesmo para o lazer e diversão. Vejamos, a este propósito, um excerto da entrevista de Teresa [e21]. Teresa tem 38 anos, é casada e mãe de três crianças de seis, quatro e um ano de idade. A propósito das ajudas que os pais lhe dão, enfatiza:

O ir jantar, o estar até um bocado durante a noite é muito bom porque nós [casal] gostamos imenso de sair, assim para ir jantar fora, estar com amigos, ir a qualquer lado... e os meus pais nesse aspecto, a minha mãe sacrifica-se imenso. Mesmo com sono acaba sempre por estar até um bocadinho mais tarde com eles [crianças] e nunca me pede para eu os ir buscar mais cedo, nem nada. Portanto sacrifica-se mesmo. Não tem preço realmente o que ela me faz de ficar com os miúdos!

Do avesso, aqueles que não podem contar com a presença dos avós no seu quotidiano acusam essa diferença como uma “*desvantagem*”. Assim o descreve António [e27], casado, 41 anos e pai de dois rapazes de 13 e 10 anos de idade:

[...] por vezes é-nos mais difícil que relativamente a outros amigos nossos porque eles têm familiares perto. Nós não temos familiares perto. Nem pais, nem primos. Com pais que são filhos únicos, filhos que são filhos únicos não há primos, não há irmãos, não há ninguém que nos possa... eles estão perto mas estão a 40 km, não é?

Por outro lado, os entrevistados também reconhecem a importância da presença e do contacto regular, variando do diário ao semanal, que eles próprios mantêm com os seus pais e sogros (idosos), e os netos (crianças) com os avós, como um contributo positivo para o envelhecimento em si mesmo. Guilherme [e28], um bancário de 37 anos a viver em união de facto reconhece a vantagem de deixar quotidianamente o filho de cinco anos ao cuidado dos avós. A mãe é doméstica e o pai reformado; a sogra é também doméstica e o sogro mantém-se activo com um pequeno negócio por conta própria. Ambos os membros do casal levantam-se “*muito cedo*”, e como a mulher de Guilherme trabalha fora de Évora e sai de casa primeiro, ele nem sempre consegue “*despachar*” o filho a tempo. Quando pode, Guilherme deixa directamente o filho no colégio. Mas, noutros casos, deixa-o com os pais ou com os sogros que depois, “*com tempo*”, se encarregam de o levar ao colégio:

Eu para deixar o Manel no colégio e depois estar aqui [local de trabalho] às 8:30h tenho que o deixar por volta das oito ou senão até um bocadinho antes. E a essa hora o colégio está fechado. Fechado entre aspas. Não há praticamente miúdos. O grosso dos miúdos começa a chegar mais tarde. Por volta das nove. Até mesmo em termos de funcionários também, começam a chegar mais tarde e digo que é bom para ele porque... essencialmente para ele. E para nós [casal] também porque o nosso dia-a-dia é sempre um bocado atribulado, é sempre à pressa, é sempre a



correr de um lado para o outro e nós temos essa flexibilidade. E também é bom porque apesar de eu achar que os avós dão cabo dos netos acho que é bom eles estarem juntos e conviverem. E ele gosta, como gostam todos os miúdos, penso eu...

Apesar de admitirem a economia que o recurso à guarda das crianças pelos avós representa para o orçamento familiar, os pais tendem a desvalorizá-la em detrimento destes argumentos que reconhecem e valorizam a proximidade mutuamente positiva entre avós e netos. Os pais tendem, assim, a valorizar a presença dos avós na vida dos netos, mesmo quando admitem algum “*excesso de mimo*” ou “*maior permissividade*” nessa relação. Na verdade, uma presença próxima e efectiva dos avós parece desafiar regras e modelos de comportamento impostos pelos pais aos filhos como reconhece Joana [e15], uma mãe de 35 anos de idade. No excerto que se segue, Joana interroga-se sobre a alternativa à ajuda do pai e da sogra de que beneficia actualmente para ir buscar o filho de seis anos à escola e assegurar o cuidado permanente do mais novo de apenas um ano de idade:

É uma ajuda tremenda! Não só pouparamos o dinheiro mas pelo descanso que nos dá estar com o meu pai, não é? E com a família. Obviamente que estarem com os avós é muito bom, e ainda bem que eles podem estar com eles e acho que aprendem muita coisa com os avós. [...] Mas temos de aprender a viver com o que nos dão de bom e de mau. E tem uma contrapartida que nós estamos a pagar à mesma! Se nós vivêssemos mais longe não tínhamos avós todos os dias a incutirem rebuçados! Se estivesse num colégio, às seis da tarde ia lá e era nosso. Era nosso! E depois no colégio não lhe estão a impingir o rebuçadinho. Houve alturas em que a primeira coisa que eles diziam à minha mãe não era ‘olá avó!’ era ‘o que é que compraste?’. E eu disse, ‘mãe, tu tens que parar imediatamente com isto. Mas tens que parar imediatamente!’. ‘Ah, então uma coisinha custa um euro...’. Uma coisinha custa um euro todos os dias? Eles não sabem que isso custa um euro! [...] E continuamos nisto. E depois se eu digo que não... depois lá está, aos olhos dos nossos filhos nós pais somos os piores pais do mundo e os avós são os melhores avós do mundo!

Em tradições e celebrações familiares acentuam-se também as tensões que surgem da co-presença entre família nuclear e alargada. Rita [e17], 45 anos, casada e mãe de uma rapariga de 14 anos de idade avança com o exemplo das férias em família:

Houve ali uma altura em que foi mais complicado... a minha sogra queria controlar a situação. Quando a minha filha era mais pequena, ela [a sogra] queria mesmo controlar a situação! Interferia ... e porque eu dormia até tarde e ela achava que eu devia ir de manhã cedo para a praia com a minha filha, e porque a hora a que eu me levantava não era a hora ideal, porque eu devia fazer as coisas de determinada maneira e fazia de outra...

Neste caso, acentuam-se as contradições entre o estar “só” e “com”; apenas “em família” ou “com a família”; entre a gestão e a partilha das tarefas domésticas e o cuidado às crianças. Quando as crianças são muito pequenas, os pais podem sentir em período de férias uma sobrecarga de trabalho e “o peso da rotina” que não sentem durante o ano, pela simples razão de que estão nessa altura mais tempo com os filhos do que é usual. Rui [e29] tem 34 anos, é casado e pai de dois rapazes de quatro e um ano de idade. Vejamos, a este propósito, como Rui idealiza as próximas férias de Verão:

No próximo Verão, uma semana ou quinze dias vou ter que levar um deles [pais/sogros] para ver se me ajudam. Para nós próprios [casal] estarmos mais descansados. Porque senão as férias são exactamente como foi o trabalho. Eu pago-lhes as férias todas. Eu pago tudo! Eu não quero que eles lá vão trabalhar para mim. Quero que vão passar as férias tal e qual... por exemplo, nestas férias houve dois dias que eles passaram connosco. Eles não precisaram fazer nada por nós que nós fizemos tudo na mesma: loiças, refeições e não sei quê. Mas é diferente, porque há ali aquela meia hora... é diferente porque você pode estar cinco ou seis minutos sem ter de estar a olhar para os miúdos. Eles também lá estão, tá a ver? E dão uma ajuda nesse aspecto. Eles também passam férias, eles também se divertem, eles também vão passear e fazem e acontecem mas é diferente. A gestão da coisa é completamente diferente. Você ter um ombro que a ajuda a ir tratar dos miúdos se houver qualquer coisa. Não quer dizer que não seja você a deitá-los. E vocês a vesti-los. Mas é diferente! Mas pode parar para ir beber um café, ou comprar um jornal que não há problema, tá a ver?

Em síntese, podemos concluir sobre uma diversidade de sentidos atribuídos às relações intergeracionais entre pais e filhos, avós e netos. Se manifestamente a presença dos idosos é apontada como “fundamental” para o equilíbrio em que está alicerçado o quotidiano da família nuclear, tornando-o mais “flexível”, “seguro” e “menos angustiante”; de modo latente, tanto no dia-a-dia como em tradições e celebrações familiares, revelam-se – subtil mas persistentemente – as várias tensões e contradições que atravessam esses espaços e tempos “de família”.

### **Considerações Finais**

Os resultados obtidos neste estudo destacam o lugar dos idosos no quotidiano da família nuclear e a importância das trocas intergeracionais. A análise do seu conteúdo e intensidade, bem como o sentido dos fluxos, enfatiza pequenos apoios domésticos (e.g. na alimentação ou no tratamento da roupa) mas, sobretudo, a guarda de crianças. Múltiplas e diversas, tais ajudas vão desde a guarda exclusiva (permanente ou alternada) de crianças até aos três anos de idade; noutros casos, de modo mais pronunciado a partir dos seis anos, as tarefas do ir levar e/ou buscar à escola; e, finalmente, a guarda temporária dos netos para de novo os levar às actividades extra-curriculares em que estão envolvidos.

Justamente, uma das principais dificuldades de articulação entre vida profissional e vida familiar passa pela dificuldade de conciliar os horários dos pais com os horários dos equipamentos socioeducativos e de guarda das crianças (Torres *et al*, 2004). Ora, de

tarde, na sequência aliás de uma relação que se inicia pela manhã, é comum a muitos entrevistados passar em casa de pais ou sogros a fim de recolher as crianças. De facto, é da conjugação e complementaridade entre um conjunto diversificado de elementos formais e informais que compõem a rede social dos indivíduos que resulta o equilíbrio sobre o qual se alicerça o dia-a-dia das famílias com filhos pequenos. E neste “*emaranhado*” de relações, onde “malha a malha se tece a teia” (Alarcão, 1998), esse equilíbrio é tanto mais difícil de conseguir quanto mais pequenas são as crianças e menos densa for a rede. A exclusividade da dependência de redes formais (como o infantário, a creche, a escola ou o ATL) torna as famílias mais “*stressadas*” e com um sentimento de escassez de tempo maior, ao passo que a complementaridade entre a rede formal e a rede informal, em particular com recurso ao apoio prestado pelos avós, torna o quotidiano um pouco mais “*flexível*”, “*seguro*” e “*menos angustiante*”.

Contudo, a presença dos avós no quotidiano da família nuclear não se limita à guarda de crianças, aspecto que aliás é sobejamente conhecido (Torres *et al.*, 2004; Vasconcelos, 2005; Wall, 2005). Numa cidade de média dimensão como a que estudámos, as “culturas de transmissão intergeracional” (Brannen, 2006) adensam-se, permitindo uma maior e mais directa participação dos avós no dia-a-dia de filhos e netos. Os idosos/pais são, por vezes, uma âncora importante ao permitir mais tempo disponível para os seus filhos adultos, seja para trabalhar/estudar, ou mesmo para o lazer e diversão. Outras vezes, indirectamente, porque mais afastados circunstancialmente da ruptura conjugal, desempenham também um papel importante de “mediador informal” (Johnson, 1988) no trânsito de crianças entre famílias bi-nucleares. No caso das festas de aniversário, das férias de Verão ou do Natal, os avós funcionam ainda como um recurso escondido ao qual os pais podem recorrer para solicitar ajuda material, proporcionar ou complementar a guarda de crianças durante o dia enquanto trabalham ou vão às compras, e em fins-de-semana e férias enquanto asseguram a continuidade entre períodos esparsos ou possibilitam a ausência dos pais que saem para uma “escapadinha” sem os filhos, apenas em casal.

Transversalmente, os dados que analisámos permitem a constatação de uma progressiva “ruptura face ao envelhecimento-incapacidade” (Gil, 2007), expressa no facto de os entrevistados poderem contar com o apoio dos seus pais, que apesar de idosos (porque sexagenários), não são considerados “velhos”. Estes “novos velhos” são os indivíduos que estão na “idade nova” (Gaulhier, 1988 *apud* Fernandes, 2001: 45), uma fase da vida situada entre o fim da ligação à esfera profissional (reforma) e a velhice propriamente dita, e onde não acusam ainda os seus sinais, nomeadamente a perda de capacidades essenciais, a dependência física e/ou a incapacidade psíquica. Por esta razão, não encontramos na nossa amostra qualquer referência a cuidados e responsabilidades familiares no sentido filhos adultos/pais idosos. De facto, tais responsabilidades incidem não sobre a geração que entrevistámos mas sobre a que a antecede, de modo que são os seus pais quem acumula, nos casos em que isso se justifica, as responsabilidades com os idosos dependentes. Ou seja, são os avós dos entrevistados ou dos seus cônjuges/companheiros (e, portanto, os bisavós dos seus filhos), na casa dos 80 anos, que por vezes são citados como alvo de “*cuidados especiais*”, necessários ante a deterioração do estado geral de saúde e dependência progressiva.

Resultado do aumento da esperança de vida, a co-longevidade das gerações permite uma sobreposição nova do ponto de vista demográfico de quatro, por vezes cinco gerações familiares. Do ponto de vista social, a participação dos avós no quotidiano da família nuclear vai no entanto para além de uma imagem exclusivamente positiva e porventura idílica como a descrição inicial feita pelas crianças genebrinas. A Sociologia

pode, sem dúvida, ajudar à identificação e desconstrução das múltiplas tensões e contradições que surgem nos espaços e tempos das relações intergeracionais e, ao mesmo tempo, abrir pistas para uma compreensão mais ampla. Eis o contributo deste texto.

## Bibliografia

ALARCÃO, M. (1998). Família e redes sociais – malha a malha se tece a teia. *Interações*, 7: 93-102.

BARDIN, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France.

BOSSARD, J. H. S., & Boll, E. S. (1950). *Ritual in Family Living – A Contemporary Study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

BRANNEN, J. (2006). Cultures of intergenerational transmission in four-generation families. *Sociological Review*, 54(1): 133-154. <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-954X.2006.00605.x>>

BRANNEN, J., & Nielsen, A. (2005). Individualization, choice and structures: a discussion of current trends in sociological analysis. *The Sociological Review*, 53(3): 412-428. <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-954X.2005.00559.x>>

CME (2006). *Carta Educativa do Concelho de Évora*. Évora: CME.

COSTA, R. P. (2011). *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea*, tese de Doutoramento em Ciências Sociais, área de especialização: Sociologia Geral, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) – Portugal. <<http://hdl.handle.net/10451/4770>>

FERNANDES, A. A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36: 39-52. <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n36/n36a02.pdf>>

FERNANDES, A. A.; & Botelho, M. A. (2007). Envelhecer Activo, Envelhecer Saudável: o grande desafio. *Fórum Sociológico*, Série II, 17: 11-16. <<http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS17-Art.1.pdf>>

FIESE, B. H. *et al.* (2002). A Review of 50 Years of Research on Naturally Occurring Family Routines and Rituals: cause for celebration?. *Journal of Family Psychology*, 16(4): 381-390. <<http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.16.4.381>>

FLICK, U. (1997). *The episodic interview. Small scale narratives as approach to relevant experiences* [Series Paper]. <<http://www2.lse.ac.uk/methodologyInstitute/pdf/QualPapers/Flick-episodic.pdf>> [consulta a 29-10-2010]

FLICK, U. (2005 [2002]). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.

GIL, A. P. (2007). Envelhecimento Activo: complementaridades e contradições. *Fórum Sociológico*. Série II, 17: 25-36. <<http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS17-Art.3.pdf>>

GLASER, B.G.; & Strauss, A.L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. Chicago, IL: Aldine.



- IEFP (2001). *Classificação Nacional de Profissões – versão 1994*, 2 ed., Lisboa: IEFP.
- IMBER-Black, E.; & Roberts, J. (1993). *Rituals for Our Times: Celebrating, healing, and changing our lives and our relationships*. New York: Harper Perennial.
- JOHNSON, C. L. (1988). Socially Controlled Civility. The functioning of rituals in the divorce process. *American Behavioral Scientist*, 31(6), 685-701. <<http://dx.doi.org/10.1177/0002764288031006007>>
- MORGAN, D. H. J. (1996). *Family Connections – an introduction to family studies*, Cambridge: Polity Press.
- MORGAN, D. H. J. (1999). Risk and family practices: accounting for change and fluidity in family life. In E. B. Silva & C. Smart [Eds.]. *The New Family?* (pp. 13-30). London: Sage.
- PIRES, Á. (1997). Échantillonnage et recherche qualitative: Essai théorique et méthodologique. In J. Dans Poupart, J.P. Deslauriers, L. H Groulx, A. Laperriere, R. Mayer & A. Pires [Eds.]. *Enjeux Épistémologiques et Méthodologiques* (pp. 113-167). Montreal: Gaëtan Morin.
- TORRES, A. C. *et al.* [Coord.] (2004). *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- VASCONCELOS, P. (2002). Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe. *Análise Social*, XXXVII (163): 507-544. <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218732936N9mRE2wd0Xn17VQ4.pdf>>
- VASCONCELOS, P. (2005). Redes sociais de apoio. In K. Wall [Org.]. *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Redes sociais* (pp. 599-631). Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.
- WALL, K. (2005). Modos de guarda das crianças. In K. Wall [Org.]. *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Redes sociais* (pp. 499-516). Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.
- WOLIN, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family Rituals. *Family Process*, 23(3), 401-420. <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1545-5300.1984.00401.x>>